
**Letramento enunciativo – midiático:
A percepção crítica pode auxiliar no combate à desinformação?¹**

Amanda Spohr DEMAMANN²
Márcia Elisa Vanzin BOABAID³
Universidade Federal de Santa Maria, RS

RESUMO

Este trabalho busca delinear o conceito de letramento enunciativo-midiático, partindo do entrelaçamento dos estudos de letramento, enunciação e mídia. O referencial teórico aborda noções da Linguística da Enunciação e concepções sobre leitura e intersubjetividade, sugerindo reflexões relacionadas à inserção do letramento midiático como prática essencial na formação da contrapalavra dos indivíduos. A metodologia emprega uma pesquisa bibliográfica e analítica qualitativa, utilizando um caso de difusão de informação errônea para explicar o fenômeno do ecossistema da desinformação. Assim, atenta-se para o fato de que a produção de sentidos de um texto se dá na própria enunciação, e que a leitura de textos midiáticos possibilita a compreensão do letramento como um ato enunciativo de inserção do homem nas culturas de escrita.

PALAVRAS-CHAVE: Teoria da Enunciação. Letramento midiático. Desinformação. Mídia. Leitura crítica.

INTRODUÇÃO

Este trabalho insere-se no projeto *Reescrita e Educação Linguística* e tem como objetivo elaborar uma conceituação sobre letramento enunciativo-midiático, partindo da ideia de que lemos a escrita e escrevemos a leitura. Diante de um cenário jornalístico delimitado pela era da pós-verdade -em que os fatos têm menos importância do que suas próprias representações- o atravessamento do campo comunicativo permite relacionar que o processo de escrita ocorre simultaneamente à leitura e isso pode influenciar diretamente na formação crítica dos indivíduos.

¹ Trabalho apresentado no Intercom Júnior – IJ08 – Jornalismo do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

² Graduada do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Maria, campus Frederico Westphalen. Email: amanda.spohr@acad.ufsm.br

³ Professora adjunta do Departamento de Ciências da Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria, campus Frederico Westphalen. E-mail: marcia.boabaid@ufsm.br

Para tanto, com base na Linguística da Enunciação (FLORES E TEIXEIRA, 2005; FLORES, 2019) pretendemos analisar a intersubjetividade como elemento ativo na atividade de leitura, e a partir da concepção de leitura (BENVENISTE, 2014), buscamos compreender o papel significativo do falante, ou seja, entender o lugar do homem na língua (FLORES, 2019).

É também objetivo deste trabalho, expor as relações existentes entre o homem e a língua, a partir de uma estrutura teórica que possibilite constituir o entrelaçamento dos estudos de letramento (KLEIMAN, 2005), enunciação (BENVENISTE, 1989; 1995) e mídia, o que deriva à aproximação da perspectiva antropológica da enunciação (FLORES, 2019). Cabe destacar que a comunicação resulta da relação intersubjetiva entre a mídia e seus leitores (BENVENISTE, 1989), por isso a importância de desenvolver a competência crítica da leitura, o que, em grande medida, pode afastar a leitura equivocada, ou seja, a desinformação.

Para o cumprimento dos objetivos propostos pelo estudo, a metodologia empregada abrange, inicialmente, uma pesquisa bibliográfica pautada em obras relacionadas ao campo da linguística (BENVENISTE, 1989, 1995; FLORES, 2019, KLEIMAN, 2005) e do letramento enquanto prática da comunicação (BAUER, 2011; FANTIN, 2008; FRAGA, 2019). As contribuições teóricas foram escolhidas a partir de um mapeamento de temáticas e documentos capazes de possibilitarem um ponto de encontro entre as conceituações e ideias de enunciação, mídia e letramento.

Posteriormente, também há uma breve utilização do método de análise qualitativo de um caso real de distribuição de desinformação que repercutiu na mídia brasileira, buscando exemplificar o sistema cíclico do quadro desinformativo da pós-verdade.

Diante da exposição do referencial teórico do estudo e suas respectivas metodologias aplicadas, chegamos às considerações, que retomam os principais conceitos abordados no decorrer do trajeto desta pesquisa, considerando a prática do letramento midiático como um estímulo ao domínio da leitura e da interpretação, sempre levando em consideração o contexto social em que se insere o indivíduo.

A INTER-RELAÇÃO DA LINGUAGEM (IN)VISÍVEL NA CONSTRUÇÃO DA ESCRITA-LEITURA

Qual é a relação entre a comunicação e a Teoria da Enunciação de Benveniste? Entendemos como pertinente estabelecer uma conexão entre as duas vertentes, pois há similaridades que precisam ser destacadas. Por um lado, a comunicação lida com a construção dos eventos que dependem de critérios de noticiabilidade, é o caso, por exemplo, da ideia de imparcialidade jornalística. Esse evento congrega a escrita, a leitura e a interpretação de um texto. Por outro lado, a Teoria da Enunciação de Benveniste explora a presença de enunciados e enunciações resultantes do uso da língua, podendo ou não acentuar a subjetividade na linguagem. Segundo Benveniste (1995, p. 286), o conceito de ‘subjetividade’ que estamos abordando refere-se à capacidade do locutor de se apresentar como ‘sujeito’. Considerando essa questão, enfatizamos que há presença de subjetividade no texto escrito e na leitura do escrito. Isso permite apontar que a subjetividade do jornalista está presente na sua escrita.

Se todas as esferas da atividade humana estão relacionadas ao uso da língua, faz-se necessário compreender a ligação do indivíduo com a sociedade. Em Benveniste (1989; 1995), a relação entre língua e homem acontece entre *eu* e *tu*, sendo irreversível. Por outro lado, a mesma experiência também sugere uma troca, não havendo enunciação exclusiva de um *eu*, pois está sempre relacionada a um *tu*. Esta experiência humana traduz a relação do indivíduo e da sociedade, isso porque a língua está ligada à sociedade e o que é social é da natureza do homem e da língua. Como assinala Flores (2013, p. 101, grifo do autor), “o homem é homem porque tem linguagem”. Nesta perspectiva, língua, linguagem, homem e sociedade são indissociáveis, de maneira que um complementa o outro. Nas palavras de Benveniste (1995, p. 285) “a linguagem está na natureza do homem, que não a fabricou. [...] Não atingimos nunca o homem separado da linguagem e não o vemos nunca inventando-a”.

A enunciação, segundo Benveniste (1989, p. 82) “é este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização”. Assim, a enunciação se dá a partir do momento em que o sujeito, por um ato individual, coloca a língua em

funcionamento, se posiciona como "eu" ou "aquele que fala" e instala o interlocutor, o outro, na linguagem. Isso implica considerar a visão antropológica de que o indivíduo está na língua. Dessa forma, o ato enunciativo consiste na relação com outro homem, pois “é um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem” (BENVENISTE, 1995, p. 285). Entretanto, para que “a palavra assegure a ‘comunicação’, é preciso que esteja habilitada a isso pela linguagem, da qual é apenas atualização” (BENVENISTE, 1995, p. 285). Além disso, Benveniste (2014) enfatiza a importância da palavra lida, ao afirmar que “a leitura só é acessível àqueles capazes de explicitar ‘o destino’ reservado a outrem”. Assim, se “a leitura é uma forma de acessar o mundo” (BOABAID, 2023, p. 204), é também por meio do acesso à palavra e, por consequentemente, ao letramento, que é possível ler textos midiáticos.

É necessário pontuar também, que outro fator relevante é compreender que, ao ler um texto, traçamos um plano de leitura. Primeiramente, esse plano está vinculado ao universo individual do locutor e, em seguida, está associado à compreensão do que foi lido. No entanto, essa compreensão não se limita apenas a entender o ponto de vista do locutor, mas também envolve estabelecer uma espécie de diálogo com o que foi escrito. Neste processo, diferentes pontos de vista, percepções de mundo e compreensões da realidade podem se cruzar, encontrar-se e até mesmo se separar, nem sempre coincidindo. Isso se torna ainda mais complexo quando se trata de um texto midiático, pois muitas variáveis influenciam a linguagem e, consequentemente, a subjetividade/intersubjetividade, conforme descrita por Benveniste (1995).

Ao abordarmos a Teoria da Enunciação, baseados nos pressupostos teóricos de Benveniste (1989; 1995), é importante mencionar que não se trata de uma leitura homogênea e linear. Na perspectiva do autor, é essencial compreender, em primeiro lugar, que a Teoria da Enunciação tem como base o funcionamento da língua pelo homem que tem seu lugar na língua.

A linguagem é, pois, a possibilidade da subjetividade, pelo fato de conter sempre as formas linguísticas apropriadas à sua expressão; e o discurso provoca a emergência da subjetividade, pelo fato de consistir de instâncias discretas. A linguagem de algum modo propõe formas **vazias** das quais cada locutor em exercício de discurso se apropria e as quais refere à sua **pessoa**, definindo-se ao mesmo tempo a si mesmo como eu e a um parceiro como tu. A instância de discurso é assim, constitutiva de todas as coordenadas que definem o sujeito e das quais

apenas designamos, sumariamente, as mais aparentes, por meio da enunciação. (BENVENISTE, 1995, p. 289 - grifos do autor).

A compreensão da linguagem e da subjetividade coloca em evidência que “[...] é a língua enquanto assumida pelo homem que fala, e sob a condição de *intersubjetividade*, única que torna possível a comunicação linguística” (BENVENISTE, 1995, p. 293, grifo do autor). Compreendemos que enunciação é o ato de dizer, é a passagem da língua para a fala e neste movimento organiza o quadro da enunciação em que *eu-tu* estão presentes, em um determinado tempo (agora), e espaço (aqui). *Eu* é sempre único, é aquele que enuncia e ao constituir-se linguisticamente pela enunciação, locutor, institui um tu, seu alocutário. O *eu* é sempre quem está com a palavra e o seu ouvinte é o *tu*. Neste formato, antes da enunciação a língua é apenas uma possibilidade, depois desse processo ela se torna discurso. Logo, a língua (enunciado) é repetível, a enunciação é irrepitível.

Desta forma, relacionar a enunciação escrita com a leitura de textos midiáticos exige compreender que letramento é, também, um ato enunciativo de inscrição do homem nas culturas de escrita. Neste contexto, o indivíduo se marca como sujeito de linguagem e renova sua relação com a língua a cada vez que insere seu discurso no mundo letrado. Assim, temos uma concepção básica do que denominamos como letramento enunciativo-midiático, que será aprofundada a seguir.

LETRAMENTO ENUNCIATIVO - MIDIÁTICO: A COMPOSIÇÃO

Diversas são as noções atribuídas aos estudos do letramento e suas múltiplas formas, que têm sido exploradas pela literatura científica, inspirando estudiosos da educação e da comunicação, e originando novas perspectivas sobre a posição do sujeito inserido na ideia do letramento. Portanto, para compreender a importância do desenvolvimento da percepção crítica sob a ótica do letramento midiático, entendemos como necessário delimitar a concepção do próprio letramento, que está intimamente relacionado ao processo de alfabetização, incorporando a pluralidade do conceito, na medida em que surgem as distintas tecnologias de escrita e leitura, como é o caso da mídia.

Estudos postulados pelo educador Paulo Freire (1989) sugerem a concepção do letramento como uma prática social que propõe uma leitura de mundo antecedente à

palavra, englobando e aprofundando o conceito de alfabetização. No Brasil, a gênese do letramento da literatura especializada acompanha o surgimento de um novo campo de estudos sobre o desenvolvimento da escrita. Neste trabalho, consideramos as definições do termo propostas por Kleiman (2005), Rojo (2009; 2014 apud OLIVEIRA, 2016) e Soares (2006), que são pioneiras nos estudos da concepção de letramento e alfabetização no país.

Por *alfabetização*, Rojo entende a ação de ensinar a ler e escrever, levando o indivíduo a conhecer o alfabeto e as práticas mecânicas de leitura e escrita (ROJO, 2009/2014 apud OLIVEIRA, 2017, p. 1210). Por *letramento*, a autora compreende como:

Os usos e práticas sociais de linguagem que envolvem a escrita de uma ou de outra maneira, sejam eles valorizados ou não valorizados, locais ou globais, recobrando contextos sociais diversos [...], numa perspectiva sociológica, antropológica e sociocultural. (ROJO, 2009/2014 apud OLIVEIRA, 2017, p. 1210).

Já Soares (2006), postula o conceito de *alfabetização* como a ação de ensinar/aprender a ler e a escrever, e acredita no *letramento* como um estado ou condição que exige um redimensionamento do lugar social da pessoa letrada, modificando seu modo de viver na sociedade, sua inserção cultural, e sua relação com o contexto em que vive (SOARES, 2006, p. 37).

Entretanto, é a partir das denominações estudadas por Kleiman (2005), que este trabalho busca inserir sua proposta. De acordo com a autora, a *alfabetização* denota um conjunto de saberes sobre o código escrito da língua, também mobilizado pelo processo de aquisição das primeiras letras (KLEIMAN, 2005, p. 13). Já o *letramento*, por sua vez, configura-se como um conjunto de habilidades e competências de práticas escritas, capazes de modificar profundamente a sociedade, mais amplo do que as práticas escolares - como a alfabetização - mas que as incluem também (KLEIMAN, 2005, p. 21). Isso permite dizer que no ensino especializado da língua portuguesa, o letramento constitui-se como um processo de desenvolvimento histórico da escrita refletido por um contexto social predominante da sociedade em que o aprendiz está inserido. Ele pode ser considerado uma ‘chave’, que possibilita o acesso a sistemas mais complexos, realizando uma intermediação entre o indivíduo e o ambiente, e dinamizando as

percepções humanas sobre as diferentes possibilidades de leitura e escrita que lhe são oferecidas no decorrer do processo.

Nesta perspectiva, para fins deste estudo, o conceito de letramento se redimensiona a partir das considerações de Benveniste (1989), uma vez que a existência da linguagem não se dá como um instrumento de comunicação pertencente entre o *eu* e *tu*, mas como um paradigma no qual ela pode ser pensada e estudada. De acordo com o autor, passa-se portanto, a direcionar a linguagem no caminho de uma prática constitutiva que permite o compartilhamento de experiência para com o outro, a partir de um processo criativo, isso porque, como atesta Benveniste (1989) o processo de comunicação é inerente à mutualidade existente entre o homem e a linguagem. E é exatamente neste processo linguístico, que a prática do letramento, na perspectiva de Kleiman (2005), se alinha, uma vez que os aspectos sociais do sistema de escrita, o que envolve também sua historicidade, interferem na sociedade e a determina, em certa medida.

Assim, observamos o letramento como uma habilidade de escrita e leitura, que de fato é dependente do processo de alfabetização, mas não mantém o aprendiz na mesma posição -um indivíduo alfabetizado não necessariamente é um indivíduo letrado, mas um indivíduo letrado com certeza é alfabetizado. Portanto, a concepção do letramento exige que o sujeito saiba ler, o que difere-se do ato de decodificar, pois ressalta a necessidade de interpretação da escrita. Em situação de sala de aula, por exemplo, não basta somente ‘apresentar’ um texto ao aluno, mas ‘dissecar’ a leitura deste texto a fim de que ele mesmo adquira determinada autonomia de leitura e interpretação. Acreditamos que a mobilização do texto para significar deve acontecer também na sociedade, em qualquer situação de leitura, pois entendemos que há necessidade de interagir com o lido, entender o entrecruzamento das informações e buscar a compreensão. Com certeza, é esse o movimento de leitura necessário, pois possibilita o desenvolvimento do saber crítico e a formação da contrapalavra, estimula a busca de uma (re)avaliação do que se lê, e conseqüentemente, da informação que aquele mesmo texto busca passar. É quando o texto escrito age no leitor, e o convoca a pensar.

Para ilustrar essa cena, trazemos a contribuição de Barthes:

Nunca lhe aconteceu, ao ler um livro, interromper com frequência a leitura, não por desinteresse, mas, ao contrário, por afluxo de ideias,

excitações, associações? Numa palavra, nunca lhe aconteceu **ler levantando a cabeça?** (BARTHES, 2012, p. 26 - grifos do autor).

Se nos apropriarmos do exemplo de Barthes, ao ler Sarrasine, de Balzac (1830), é porque acreditamos que o movimento de levantar a cabeça nada mais é do que pensar no e a partir do lido, de interrogar e sistematizar a própria leitura. É essa a nossa compreensão do efeito necessário da leitura, aquele que mobiliza o leitor e deixa que o outro - texto e leitor - se enuncie.

LETRAMENTO, MÍDIA E EDUCAÇÃO

Os estudos que permeiam o campo do *letramento midiático* são concebidos originalmente como *media literacy*, e representam um conjunto de habilidades baseadas no pensamento crítico (FRAGA, 2019). De acordo com a didática do campo, o indivíduo deveria, a partir de suas próprias experiências, produzir, avaliar e interpretar a presença de mensagens disponibilizadas nos discursos da mídia. Esta capacidade não representa, em suma, o conhecimento técnico dos aparatos tecnológicos presentes nos ambientes de aprendizado, mas sim, o desenvolvimento da percepção crítica do indivíduo para que ele seja situado no ambiente em que está inserido (BAUER, 2011).

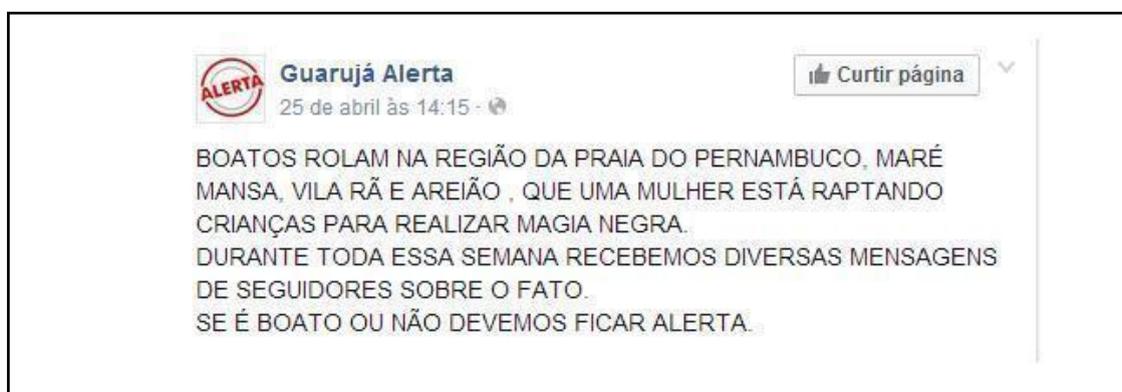
A produção dos estudos relacionados ao *letramento midiático* repercutiu com a imposição dos desafios no exercício do jornalismo dos últimos anos, marcado pelo fluxo contínuo de informações e pela ampla utilização das plataformas digitais como artefato de veiculação de materiais jornalísticos. Entretanto, a ampliação na distribuição dos fatos por meio das mídias sociais gerou uma espécie de sobrecarga sistemática de informações, impondo aos indivíduos a dificuldade de identificar aquilo que se configura como informativo, do que se caracteriza como opinativo. Assim, o jornalismo, como figura política e moral de controle aos outros poderes (CABALLERO, 2018 apud CERQUEIRA, 2018, p. 168), viu sua função ser desqualificada, reforçando a existência de um contexto presente no discurso das mídias capaz de retroalimentar um ecossistema que cria, produz e distribui a (des)informação.

De acordo com Wardle e Derakhshan (2019), este ecossistema, cada vez mais ativo na sociedade, atua amplificando os efeitos da desordem informacional, o fenômeno global representado pela rápida difusão de boatos por meio de redes sociais e

seus efeitos diretos no cotidiano da população. Como exemplo do funcionamento desse ecossistema desinformativo, retomamos um dos casos que obteve grande repercussão na mídia brasileira, ainda em 2014.

No dia 25 de abril do mesmo ano, uma página do *Facebook*, intitulada de ‘Guarujá Alerta’ – que se definia como uma ‘página de fatos, acontecimentos, notícias, reclamações e sugestões do morador e turista de Guarujá’ – realizou uma publicação em texto, afirmando que uma mulher estaria sequestrando crianças para realizar rituais de magia negra na cidade do Guarujá, litoral do estado de São Paulo.

Figura 1- Publicação da página ‘Guarujá Alerta’ no *Facebook*



Fonte: OBSERVATÓRIO DA IMPRENSA (2022)

A publicação acompanhava um retrato falado da suspeita e nos comentários uma suposta imagem da sequestradora foi publicada por um usuário da rede social. De acordo com informações obtidas pelo Observatório da Imprensa (2022) os seguidores da própria página compartilharam em seus perfis não apenas o post original, mas também informações de que haviam visto a sequestradora e encontrado uma criança morta em um bairro próximo. O boato se espalhou rapidamente em Morrinhos, bairro periférico da cidade do Guarujá, despertando a revolta da população paulista e incentivando o discurso de ódio.

Pouco mais de uma semana depois do dia da publicação, Fabiane Maria de Jesus, residente de Morrinhos, voltava para a casa após buscar a Bíblia que havia esquecido na igreja. No trajeto entre a igreja e sua casa, Fabiane foi erroneamente identificada pelos moradores do bairro como suspeita da foto publicada nos comentários da página ‘Guarujá Alerta’. A partir da abordagem, Fabiane foi brutalmente agredida

por uma multidão que transitava pelo local. Não obstante, o crime também foi gravado e publicado nas redes sociais. Fabiane foi resgatada e levada ao hospital, mas faleceu dois dias depois do ocorrido.

Este sistema cíclico da desinformação sugere uma reflexão do ensino do letramento como prática educativa, visando posicionar, gradualmente, o indivíduo em um lugar que o permita realizar uma leitura não linear ao mesmo tempo em que interprete e desenvolva questionamentos pertinentes sobre o que se lê. Não se trata ‘moldar’ o aluno e muni-lo contra o discurso das mídias, mas sim de fazê-lo compreender as percepções que se podem obter de um texto, através de uma leitura não homogênea.

Portanto, diante da pluralidade de discursos produzidos pelos sistemas de mídia, aos quais as novas gerações já nascem imersas, centramos os olhares para o processo de aprendizagem e buscamos compreender a complexidade das ideias propostas pela relação existente entre o indivíduo e a mídia. Novamente, tomamos como exemplo a situação em sala de aula e entendemos também como função da instituição educativa acompanhar o avanço da sociedade -que é cada vez mais influenciada e organizada a partir das mídias- e instituir uma espécie de mediação pedagógica capaz de inserir os discursos midiáticos já no processo alfabetização, e conseqüentemente, do letramento, sempre considerando as relações de poder envolvidas, a necessidade de transparência informativa, a representatividade social e cultural e o estabelecimento de políticas que permitam a produção midiática em seus mais diferentes níveis (FANTIN, 2008).

Neste contexto, definimos então, as noções do letramento enunciativo-midiático. Para fins de estudo, julgamos necessário associar comunicação, a Teoria da Enunciação e a fundamentação de letramento para compor o conceito. Se a habilidade de ler, analisar e interpretar textos deve ser aprimorada ao longo da vida, o mesmo acontece no processo e no acesso à comunicação. Assim, um indivíduo que provê dessas habilidades como constitutivas terá mais facilidade para compreender e trabalhar com a informação que recebe. Mas, por que enunciativo? Porque todo ato de enunciação remete à relação *eu-tu*, que se estabelece a partir de um *aqui e agora*. Nesta perspectiva, o letramento enunciativo-midiático é a apropriação da informação (por meio do texto midiático, logo, da comunicação), considerando as habilidades de leitura/análise e se fundamentando na

relação entre o texto (*eu*), leitor (*tu*) que se inverte em um leitor (*eu*) em relação a um tu (texto) em um aqui e agora irrepetíveis.

CONSIDERAÇÕES

A evolução dos aparatos tecnológicos concomitante ao desenvolvimento dos meios de comunicação vem alterando, gradativamente, as formas de consumo e produção de informação. Assim, a potencialização da multimídia proporcionou, ao ambiente digital e midiático, diferentes possibilidades de difusão dos fatos, o que, em determinado ponto, também facilitou o acesso e a distribuição de conteúdos desinformativos.

No decorrer deste trabalho, nos atentamos em investigar, através de um levantamento bibliográfico, como o desenvolvimento do saber crítico e a formação da contrapalavra podem, em certa medida, auxiliar no combate à desinformação. A partir desta proposição, estabelecemos a conceituação do letramento enunciativo-midiático, visando constituir bases para um diálogo entre a comunidade escolar, acadêmica e jornalística.

Para isso, utilizamos como aporte teórico inicial, a Linguística da Enunciação (FLORES E TEIXEIRA, 2005; FLORES, 2019) buscando analisar a intersubjetividade enquanto elemento na atividade de leitura, e a partir da concepção da própria leitura (BENVENISTE, 2014), entender o lugar do homem na língua (FLORES, 2019). Ademais, também retomamos a importância da ideia do letramento, estabelecida por Kleiman (2005), como um domínio de leitura e interpretação, que leva em conta o contexto social em que o leitor está inserido. E assim, partimos do pressuposto do letramento para a construção do letramento midiático como prática transformadora na condução à formação de cidadãos criativos, intuitivos, produtivos e críticos frente ao discurso das mídias.

Neste contexto, indicamos a proximidade entre o texto, a leitura e a escrita como fenômenos relacionados ao letramento, estando intrinsecamente ligados ao letramento midiático, que regula de forma incontornável o jornalismo. Não se trata de ensinar a Linguística da Enunciação aos indivíduos, mas sim, incentivá-los a pensarem

sobre o modo pelo qual a subjetividade é produzida na linguagem, atentando para o fato de que a produção do sentido se dá na própria enunciação.

Neste cenário, o letramento enunciativo-midiático, entendido aqui como um processo de negociação de sentidos, deve ser visto como ferramenta que projeta uma cena enunciativa de leitura, remete a relação texto-sujeito e instala um novo lugar enunciativo. Trata-se, então, de dois movimentos que não apenas se complementam, mas se constituem mutuamente de forma inseparável.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

BAUER, T. **O valor público da Media Literacy**. *Líbero*, São Paulo, v. 14, n. 27, p. 9-22, jun, 2011. Disponível em: <<https://seer.casperlibero.edu.br/index.php/libero/article/viewFile/356/330>>. Acesso em 20 maio 23.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral I**. Campinas: Pontes, 1989.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral II**. Campinas: Pontes, 1995.

BENVENISTE, Émile. **Últimas aulas no Collège de France**. (1968-1969) São Paulo: Editora UNESP, 2014.

CERQUEIRA, L. No espaço midiático digital, o indivíduo está bêbado de si mesmo. **Estudos de Jornalismo e Mídia**, vol. 15, série, 165-173. UFSC, 2018.

COSTA, José Joaquim Marques da. Literacia ou Literacias digitais? Uma Reflexão no Final da Primeira Década do Século XXI. **Revista Portuguesa de Pedagogia**, Coimbra, vol. Extra-Série, p.171-180, 2011.

DE MARCH, Nicole et al. Redes, pânico e a *Bruxa do Guarujá*. *Observatório da Imprensa*, 18 de jan. de 2022. Disponível em: <[https://www.observatoriodaimprensa.com.br/desinformacao/redes-panico-e-a-bruxa-do-guaruj a/](https://www.observatoriodaimprensa.com.br/desinformacao/redes-panico-e-a-bruxa-do-guaruj-a/)>. Acesso em: 8 ago. 2023.

DE SOUSA, L. S. O letramento midiático e a educação: panorama e perspectivas em uma escola pública na favela. **Simpósio Internacional de Educação e Comunicação - SIMEDUC**, [S. l.], n. 9, 2018. Disponível em: <<https://eventos.set.edu.br/simeduc/article/view/9593>>. Acesso em: 15 ago. 2023.

FANTIN, Mônica. Os cenários culturais e as multiliteracias na escola. **Comunicação e Sociedade**, vol. 13, p. 69-85, 2008.

FLORES, Valdir do Nascimento. **Introdução à teoria enunciativa de Benveniste**. São Paulo: Parábola, 2013.

FLORES, Valdir do Nascimento. **Problemas Gerais de Linguística**. Petrópolis. Vozes, 2019.

FLORES, Valdir do Nascimento; TEIXEIRA, Marlene. **Introdução à Linguística da Enunciação**. São Paulo. Contexto, 2005.

FRAGA, Renata. Media Literacy: uma tentativa de resgate da mediação do jornalismo—o caso BBC News Brasil. In: **17º Encontro da SBPJor**. 2019. Disponível em:
<<http://sbpjor.org.br/congresso/index.php/sbpjor/sbpjor2019/paper/view/1943>>. Acesso em: 20 mai 2023.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

KLEIMAN, Angela. **Preciso “ensinar” o letramento? Não basta ensinar a ler e a escrever?**. Editora Rever - Produção Editorial. Ministério do Brasil, Setembro de 2005.

OLIVEIRA, Giovane Fernandes. **Letramento e Enunciação: bases para um diálogo**. 2017. Acesso em: 05 mai 2023. Disponível em:
<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/177297/Resumo_54979.pdf?sequence=1>. Acesso em: 20 maio. 2023.

SILVA, Silvana; BORTOLINI, Bruna de Oliveira (orgs). **Memória e linguagem: estudos interdisciplinares** [recurso eletrônico]. Porto Alegre. Editora Fundação Fênix, 2023. 227 p. p. 199-222. Disponível em:
<https://www.fundarfenix.com.br/_files/ugd/9b34d5_5949e8ed03374df0b24abb366cc7c195.pdf>. Acesso em: 04 ago. 2023.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

WARDLE, Claire; DERAKHSHAN, Hossein. Módulo II: reflexão sobre a “desordem da informação”: formatos da informação incorreta, desinformação e má informação. In: Ireton, Cheryl; Posetti, Julie (eds.). **Jornalismo, fake news e desinformação**. Tradução: Sarah Reboças Reedman. Paris: UNESCO, 2019, p. 46-58.